

O PASTOR QUE DEUS USA

EUGENE H. PETERSON

O PASTOR
QUE
DEUS USA

*Cinco pilares
da prática pastoral*

Traduzido por CLÁUDIA ZILLER FARIA



Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 2008 por Eugene H. Peterson
Published in association with the literary agency of Alive Communications,
Inc., 7680 Goddard Street, Suite 200, Colorado Springs, CO 80920, USA.
www.alivecommunications.com

Editora responsável: Silvia Justino
Assistente editorial: Miriam de Assis
Preparação: Marcos Granconato
Revisão: Jefferson Rodrigues
Supervisão de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura
Capa: Douglas Lucas

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da Nova Versão Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peterson, Eugene H., 1932 —

O pastor que Deus usa: cinco pilares da prática pastoral / Eugene H. Peterson; traduzido por Cláudia Ziller Faria, 2ª ed. — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

Título original: Five smooth stones for pastoral work
ISBN 978-85-7325-504-1

1. Cuidados pastorais 2. Espiritualidade 3. Orientação pastoral 4. Teologia pastoral — Ensino bíblico 5. Vida espiritual — Ensino bíblico 6. Vida religiosa
I. Título.

07-9905

CDD —253

Índices para catálogo sistemático:

1. Exercício pastoral: Cristianismo 253
2. Tarefa pastoral: Cristianismo 253
Categoria: Espiritualidade

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados pela:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

2ª edição revisada: abril de 2008

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Introdução</i>	9
1. A tarefa pastoral de dirigir a oração: CÂNTICO DOS CÂNTICOS	29
2. A tarefa pastoral de criar histórias: RUTE	73
3. A tarefa pastoral de compartilhar a dor: LAMENTAÇÕES	111
4. A tarefa pastoral de dizer não: ECLESIASTES	145
5. A tarefa pastoral de edificar a comunidade: ESTER	183
<i>Epílogo</i>	225
<i>Bibliografia</i>	228

Para Russ Reid.

Agradecimentos

“Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro.”

PROVÉRBIOS 27:17

Tudo o que há de afiado nas páginas que se seguem é resultado, em primeiro lugar, de debates, desafios e sugestões que recebi de meus amigos da Igreja Presbiteriana Christ Our King, com quem venho adorando a Deus e trabalhando nos últimos dezessete anos e onde aprendi o ofício pastoral. Outros amigos me ajudaram de várias formas: o dr. Donald Miller e o dr. Iain Wilson foram mentores que me encorajaram e orientaram; os reverendos William Hopper, John Houdeshel, Hugh MacKenzie e Jeffrey Wilson, colegas de pastorado, fizeram uma leitura crítica do manuscrito, melhorando muito a qualidade da obra; meu irmão, o reverendo Kenneth Peterson, minha irmã, Karen Finch, e minha esposa Janice, ao partilharem o compromisso com o trabalho pastoral orientado pela Bíblia, desenvolveram e aprofundaram minha experiência; as idéias e as palavras de Russ Reid, amigo chegado durante mais de 25 anos, me estimularam tanto a começar quanto a terminar esta obra. Essas amizades todas me *afiaram*, nem sempre me aprovaram, mas nunca deixaram de ajudar.

Introdução

O trabalho pastoral toma a religião pela mão e a leva à vida cotidiana, apresentando-a a amigos, vizinhos e colegas. Se deixada à mercê da própria sorte, ela será tímida, introvertida e isolada; ou então decorativa e orgulhosa — uma donzela arrogante. A religião, porém, não é particular nem banal. Por isso, o pastor insiste em levá-la aonde ela possa se misturar com a multidão.

Quando não se dá a devida atenção ao trabalho pastoral, a religião tende, em alguns ambientes, a se transformar em cerimônias de ostentação e, em outros, em veículos para a manifestação de emoções pessoais. Em ambos os casos ela pode manter muitos aspectos positivos: teologia profunda, reflexões brilhantes, conselhos morais sábios e liturgias magníficas. Contudo, se não for inserida na arena do dia-a-dia, a religião não será vivificada pelo anúncio das boas novas nem terá oportunidade para pôr suas idéias e crenças em prática, testando sua validade nas diversas situações da vida. No ministério cristão, a faceta que se especializa no que é próprio do dia-a-dia é o pastorado, ou seja, o trabalho que consiste em apontar as respostas práticas da religião e que rejeita o afastamento, a neutralidade, o estudo isolado e a criação de teorias fora da realidade. O pastor é, assim, o ministro sem uniforme de oficial.

O bom pastorado, assim como todos os ministérios cristãos, tem como fonte a Bíblia. Infelizmente, porém, a

literatura dirigida aos pastores tem sido dominada, pelo menos nas duas últimas gerações, pelos conceitos formulados pelas ciências de comportamento surgidas recentemente. Vivemos num século de mudanças rápidas, no qual a análise racional leva a concluir que, já que tantas coisas que descobrimos são inéditas, e já que o conhecimento e a tecnologia vêm dando saltos tão grandes, então nada do que funcionava antigamente pode funcionar agora. O pensamento corrente ensina a necessidade de nos atualizarmos o tempo todo; que precisamos voltar a estudar para obter informações atuais e dominar técnicas novas, se de fato desejamos ser pastores de vanguarda.

Desenvolve-se hoje a tendência de respeitar pouco o passado e conhecê-lo cada vez menos. À medida que essa tendência envolve o pastorado, somos levados a esquecer exatamente a grande sabedoria que fomos chamados a partilhar com os outros: a majestosa realidade de Deus e o significado presente de cada indivíduo e de cada detalhe dentro da história da redenção. Ouvimos dizer que precisamos nos manter informados sobre as formas de olhar para as pessoas, de analisá-las e de trabalhar com elas, e que a psicologia e a sociologia revolucionarão nossas habilidades, colocando-nos na vanguarda dos que alcançarão um novo potencial humano. A obra voltada para a relação do ser humano com Deus e a sua vontade não brota, contudo, de um conhecimento maior acerca do que é atual, mas sim do conhecimento da humanidade em si — e do próprio Deus. Relaciona-se, desse modo, com o que é permanente, e não com novidades; com o que é essencial na condição humana, não com o que é incidental. Sendo assim, é muito mais provável que encontremos ajuda entre aqueles cuja experiência foi testada em vários ambientes e culturas e que foram aprovados, demonstrando, desse modo, que são confiáveis.

Se buscarmos ajuda para o enriquecimento do ofício pastoral e para o cultivo dessa vocação, veremos que o século que tem menos a oferecer é o XX. Houve, porventura, ao longo da história, outra era tão fascinada por apelos publicitários, tão repleta de modismos passageiros, tão dependente de remédios e drogas, tão indiferente a Deus e tão distante das correntes espirituais que alimentam a vida eterna quanto esta? Em relação ao pasto-

rado, as propostas de cura e auxílio da atualidade assemelham-se ao Rio da Prata descrito por Mark Twain: um quilômetro e meio de largura e dois centímetros de profundidade. Tudo é elaborado por indivíduos desprovidos de preparo, em uma era destituída de propósitos, tendo como alvo pessoas sem Deus. A confluência da psicologia e da sociologia com as profissões destinadas a ajudar os outros, ocorrida no século XX, não deve nos assustar, já que umas satisfazem plenamente as outras. Peter Martin expressou seu desagrado nos seguintes termos:

A recusa em considerar as complexidades morais, a negação da história e de uma maior solidariedade entre as pessoas, o desaparecimento do Outro, a desmedida valorização da vontade, a redução de toda a experiência humana a um conjunto de chavões — tudo isso é encontrado em forma embrionária na maior parte das terapias modernas.¹

O mesmo pode ser dito com relação a grande parte do trabalho pastoral realizado em nossos dias.

Não é difícil encontrar pastores que pregam e ensinam de acordo com a Bíblia. Não é uma prática universal, mas também não é rara. De fato, são claramente perceptíveis as conseqüências dos destaques e das conquistas do movimento em prol da teologia bíblica nos púlpitos e seminários da maioria das comunidades da América do Norte. Porém, a realidade é bem diferente em outras áreas da tarefa pastoral. Nos últimos quinze anos um fundamento bíblico sólido foi construído como base para o púlpito e o ensino, mas esse alicerce tem sofrido constante desgaste em outras áreas em que os pastores geralmente atuam. Se houve no passado algum fundamento bíblico para as tarefas que os pastores desempenham entre um domingo e outro — aconselhamento, orientação, consolo, oração, administração, edificação —, esse fundamento não pode mais ser encontrado, pelo menos não de forma tão visível.

¹ *Harper's Magazine* 251, n.º 1505, p. 47.

Quando vasculho a minha biblioteca em busca de instrução e material para a pregação e o ensino, encontro volumes escritos por Karl Barth, C. H. Dodd, John Bright, Donald Miller, George Buttrick, David Read, Brevard Childs e Gerhard von Rad. Os eruditos, teólogos e pregadores que me guiam, amparam e encorajam na proclamação da mensagem das Escrituras, os homens que me ajudam a entender de forma bíblica a fé cristã constituem uma companhia magnífica. Se em algum momento eu falhei e não preguei nem ensinei de acordo com a Bíblia, não posso jogar a culpa sobre ninguém além de mim mesmo. Nenhuma outra geração em toda a história da Igreja foi abençoada com erudição tão piedosa e bíblica. Entretanto, ao levantar-me na segunda-feira para enfrentar mais uma semana de rotinas em minha comunidade, tenho de lidar com livros de Sigmund Freud, Abraham Maslow, Marshall McLuhan, Talcott Parsons, John Kenneth Galbraith e Lewis Mumford. É só literatura humanista e de tecnologia. O púlpito está firmado em tradições proféticas e querigmáticas, mas o gabinete pastoral organiza-se em torno de equipamentos de informática. O ato de ensinar é moldado pelo discernimento bíblico derivado de análises da história, da gramática, da forma e da redação, enquanto a visita aos enfermos toma forma sob a supervisão de psiquiatras e médicos. Os sociólogos, psicólogos, consultores de administração e gerentes de pessoal de nossos dias são brilhantes. As idéias deles são fascinantes e suas instruções muito úteis. Aprendi muito com eles, mas mesmo assim não me sinto totalmente à vontade. Posso demonstrar competência naquilo que me ensinaram, mas isso fará de mim um *pastor*? Desempenho de forma adequada vários papéis que se relacionam entre si, mas será que existe um fundamento bíblico sólido para o que faço, de modo que o meu trabalho diário seja compatível com os antigos ministérios dos profetas, sacerdotes e sábios de quem sou herdeiro? Muitas vezes aqueles meus instrutores apresentam textos da Bíblia para provar que estão do mesmo lado que eu, mas a verdade pura e simples é que nunca pude encontrar colegas que fossem realmente pastores, nem entre os vivos nem entre os mortos, que pertencessem à cultura que eles alimentam. A história da salvação, a teologia da aliança e a doutrina da encarnação permanecem na periferia

das preocupações deles e lhes parecem estranhas na prática. Ensinam-me a ser dócil ao desempenhar minhas funções e ágil ao passar de uma para outra. O trabalho pastoral que resulta disso não é destituído de profissionalismo ou proveito, mas eu não sinto que seja inerente ao mundo da fé, nem que minha prática tenha se desenvolvido a partir do universo bíblico. Escolho meu caminho através de livros e artigos, de palestras e seminários. Recorto e coloco, pilhando e recuperando qualquer coisa que possa usar. É claro que há muito conteúdo que me pode ser útil.

Ainda assim, não estou satisfeito. Depois de seguir o conselho dos meus contemporâneos e de fazer tudo o que me disseram, descubro que desejo mais. Quero mais conselhos inteligentes e também preparo eficaz. Anseio por uma base bíblica para a totalidade do trabalho pastoral, e não apenas para a pregação e o ensino.

1

Uma responsabilidade típica do trabalho pastoral é combinar dois aspectos do ministério: primeiro, apresentar a palavra eterna e a vontade de Deus e, segundo, cumprir a primeira tarefa considerando as particularidades do local e das pessoas (o verdadeiro *lugar* onde o pastor vive e as *pessoas* específicas com quem convive). Se qualquer um desses aspectos for desprezado, não haverá um bom pastorado. O ofício pastoral, em sua melhor expressão, narra e exhibe os intercâmbios da graça descritos na Bíblia entre Deus, que “é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”, e o ser humano, que herda o pecado de Adão e experimenta o livramento através do novo Adão. Nesses intercâmbios o dom de Deus é consistente, e a necessidade do ser humano, constante. Entre esses dois pólos existem variáveis impossíveis de se demonstrar num gráfico que indique uma linha através da história, seja ascendente, seja descendente. Há situações que se repetem, *casos* de interação entre a vontade de Deus e a vontade das pessoas. Assim, não há limites de progresso no trabalho pastoral dos antigos que as gerações futuras possam ultrapassar, alcançando níveis mais elevados e deixando para trás ou tornando desatualizados seus predecessores. No passado encontramos, ao contrário, profundidade: camadas inexauríveis

de material acumulado, algumas delas repletas de sabedoria.² Muitos tomaram sobre si a tarefa de analisar os vínculos do trabalho pastoral dentro da economia divina: o pastorado segue uma longa tradição que abrange Israel e a Igreja. É essencial permanecer em contato quase que literalmente com o material bíblico e as tradições pastorais que revelam os intercâmbios específicos entre Deus e as pessoas. O mito grego de Anteu traz em si uma advertência. Anteu, um dos gigantes filhos da Terra, sempre dormia no chão para conservar e aumentar sua força colossal. Todas as vezes que tocava no solo sua força era revigorada. Hércules, em luta contra o gigante, percebeu que toda vez que aplicava um bom golpe e o jogava no chão os músculos dele aumentavam e uma torrente de força envolvia os membros, enquanto a Mãe Terra o reanimava. Assim, Hércules não derrubou mais Anteu, mas segurou-o no ar, quebrando-lhe as costelas uma a uma, até que ele morreu. Se o trabalho pastoral for afastado de seu solo, ele perderá, assim como Anteu, a força para lutar contra as complexidades que lhe são inerentes. A separação, por ignorância ou esquecimento, das tradições pastorais bíblicas é responsável pelo surgimento de duas paródias de pastorado: uma, a tentativa ingênua de ajudar os outros por nossa conta, da melhor maneira que pudermos, com base na compaixão e na preocupação que temos por eles. A outra paródia são os discursos desprovidos de sensibilidade oriundos de púlpitos que, alheios às ambigüidades incontroláveis do quarto e da cozinha, dos *shopping centers* e dos locais de trabalho, das reuniões de departamentos de empresas e dos conchavos políticos, proclamam a Palavra de Deus a um rebanho confuso. A Bíblia pode evitar as duas paródias, tanto a ingênua absorção humanitária quanto a indiferença pseudo-espiritual manifesta perante o mundo. As relações-modelo que há na Bíblia

² “Qualquer exame do cuidado pastoral... a um só tempo intensificará a apreciação dos enormes tesouros existentes na tradição e aguçará a percepção das características típicas dos problemas humanos que existem hoje, bem como das formas sempre atuais através das quais se pode exercer o cuidado das almas. Muito do que os pastores do passado fizeram foi realmente eficaz, atual, rico e criativo, tornando-se novo e vibrante ao ser recuperado.” William A. CLEBSCH e Charles R. JAEKLE, *Pastoral Care in Historical Perspective*, p. 2.

entre a realidade divina e a humana informam e renovam a capacidade pastoral, fazendo que o trabalho possa ser exercido nos lugares comuns em que o pecado se manifesta, sem que se perca a noção da magnitude da graça. Mas, se isso é mesmo o que tem que ser feito, é necessário antes abandonar o anseio por realizações rápidas e descobertas instantâneas e voltar-se para o meticuloso trabalho de edificação de vidas em Cristo, vidas que sejam coerentes e maduras em todas as suas dimensões.

Donald G. Miller escreveu:

A Bíblia é o elemento básico para nosso ministério pastoral. Não há nada mais difícil do que lidar intimamente com indivíduos em seus relacionamentos pessoais. Pregar é muito mais fácil. Certa vez alguém fez uma pergunta a Gregório de Nazianzo e ele respondeu: “Seria bem melhor responder a isso do púlpito!” É mais fácil tratar das necessidades humanas em massa no invólucro sagrado do púlpito do que enfrentá-las sozinho, no relacionamento íntimo de uma visita pastoral.³

A era atual, porém, pouco encoraja os pastores a manter contato com sua herança bíblica. Não se dá valor ao trabalho silencioso que desenvolve raízes espirituais e confere estabilidade à comunidade. É necessário firmar os pés fortemente no solo, para não ser varrido pelos ventos de mudança, e levar adiante um ministério que seja em sua maior parte improvisado, já que para realizá-lo não é preciso estar atualizado nem em sintonia com o que acontece no mundo. Conversas esparsas mantidas ao longo do dia com homens e mulheres perturbados, compulsivos, deprimidos e ambiciosos, acrescidas de vinte minutos de leitura do jornal pela manhã e meia hora de televisão à noite, mantêm-me ligado ao que é *atual*. Não concordo com a crítica superficial que afirma que os pastores do século XXI estão alheios ao momento em que vivem. O que mais preenche nossos dias é exatamente o contexto em que vivemos.

³ *Fire in thy Mouth*, p. 83.

Longe de mim desprezar a cultura moderna. Gosto dela e aprecio participar do mundo atual. Foi neste ambiente que aprendi a amar a Cristo e é nele que compartilho da obra do Senhor. Ao mesmo tempo, porém, tenho quase certeza de que seria errado procurar alimento para minha vocação pastoral dentro do que existe nos Estados Unidos dos dias de hoje. O personagem de Saul Bellow, Charlie Citrine, observou com acurácia:

Talvez a América não precisasse de arte ou de milagres interiores. Tinha tantos milagres exteriores. Os Estados Unidos da América eram um empreendimento enorme, gigantesco. Quanto maior fica, menores nos tornamos.⁴

Isso significa que a fragilidade da nossa cultura é maior exatamente nas áreas em que preciso de mais ajuda. Necessito de encorajamento para servir a Deus com fidelidade inabalável, e de paciência para mergulhar na vida do lugar onde moro e das pessoas com quem convivo. Mas nossa sociedade reúne recursos e mobiliza sua imensa capacidade para *fazer as coisas acontecerem*. Enormes quantidades de conhecimento podem ser computadorizadas e usadas em empreendimentos científicos que atordoam a nossa mente. Mas os homens que fazem tudo isso não são, de forma alguma, *sábios*, ou seja, aptos para viver bem. Os cientistas que colocam homens na Lua são incapazes de conviver com a própria esposa e filhos. Políticos que conseguem equilibrar de forma impressionante a luta pelo poder na esfera internacional vivem isolados dos que moram na casa ao lado da deles. Os artistas que nos dão a “visão da realidade” têm a vida cheia de imundícia.

O século XX pode ter seus destaques, mas não deve ser considerado um período favorável a visões maiores ou circunspecções mais amplas. Seus intelectuais em particular não mostram grau nenhum de profundidade ao lidar com aquelas dimensões da experiência para as quais as gerações anteriores encontraram, inclusive, uma linguagem.⁵

⁴ *Humboldt's Gift*, p. 5.

⁵ *Theopoetic: Theology and the Religious Imagination*, p. 83.

Eles também são alheios às particularidades da criação e ao cenário da redenção, tendo sido levados pelas generalizações dos movimentos de massa e pela impessoalidade do trabalho institucionalizado. Isso não desmerece sua ciência, política, arte ou religião. Desqualifica-os, porém, como mestres da sabedoria, ou seja, não os torna aptos para dar conselhos que gerem vidas íntegras e de valor dentro do contexto da criação de Deus e em resposta à redenção de Cristo. Essa tarefa é dos pastores.

Alguém poderia pensar que uma pessoa que aprendesse hebraico e grego e mergulhasse nas Sagradas Escrituras, detectando as minúcias do texto original, estaria protegida contra as tendências passageiras. Também seria possível acreditar que alguém que estudasse a longa história da salvação de um povo, meditasse na paixão de Cristo e fosse instruído na teologia de Paulo não seria facilmente enganado ao ponto de fazer sugestões mitológicas, com pistas fornecidas pela história de Édipo. Tal pessoa também não tentaria entender os filhos de Deus a partir de modelos recentes, derivados do tratamento de doentes mentais, nem seria cativada pela terminologia obscura de métodos científicos. Tudo isso, contudo, está acontecendo. Os pastores se voltam mais para a terapia gestáltica de Frederick Perls do que para as orações de confissão de Jeremias de Anatote. Preferem as citações de Ralph Nader, de Washington, sobre a exploração do consumidor às de Isaías de Jerusalém sobre a paz. Têm mais entusiasmo pelo reformismo de Ivan Illich do que pelo reformador João Calvino. Apreciam e conhecem mais os arquétipos gnósticos de Carl Jung do que os argumentos ousados de Martinho Lutero. A Bíblia que usamos no domingo é rapidamente substituída na segunda-feira pelo manual de administração ou de aconselhamento mais recente, ou ainda pelas reflexões de editoriais. O trabalho pastoral, porém, não se aperfeiçoa por meio da mera aquisição de mais conhecimento, mas pela assimilação da antiga sabedoria. Não melhora com a leitura dos últimos livros, mas com a meditação nas obras antigas. “Conhecimento não é inteligência.”⁶ Já que nosso trabalho lida com

⁶ HERÁCLITO, “The Extant Fragments”, *The American Poetry Review*, jan-fev 1978, p. 14.

o que é próprio e essencial à humanidade — o relacionamento com Deus em uma existência diária definida como *sub specie aeternitatis* —, a experiência acumulada dos homens que deram atenção e se dedicaram diligentemente a esse tipo de relacionamento tem mais condições de suprir as necessidades daqueles que com isso se ocupam hoje. Uma vez que nossa era de mudanças vertiginosas não encoraja tal abordagem, torna-se necessário um esforço deliberado na busca das antigas metodologias do trabalho pastoral. Sem isso, flutuaremos ao sabor das ondas, ou desenvolveremos estratégias pastorais a partir da observação dos curtos e enganosos ciclos de morte e renascimento, todos determinados por um esporádico subir e descer muito semelhante aos movimentos de uma máquina de costura. Em nossos dias há inúmeros pastores que seguem esse tipo de procedimento: montam uma estrutura sem cuidado, às pressas, desesperadamente, a partir de qualquer material disponível proveniente de faculdades, de *best-sellers* e da última pesquisa de opinião sobre as expectativas das pessoas. Ao tentar atribuir maior profundidade histórica ao trabalho pastoral, Clebsch e Jaekle escreveram: “Deploramos, acima de tudo, o crescente sentimento de descontinuidade”.⁷ Enquanto isso, as Escrituras continuam à disposição dos que quiserem usá-la: pedras que formam a base sobre a qual um pastorado muito melhor pode ser construído.

2

Ao nos aproximarmos das Escrituras dessa maneira, é importante estabelecer a distinção entre o fundamento bíblico e a estrutura do trabalho pastoral, pois, na forma pela qual se apresenta no texto, não há muito conteúdo na Bíblia que possa ser aplicado às rotinas do pastor. O trabalho do ministro é complexo, abrange uma vasta mistura de elementos em prol dos quais a revelação de Deus em Cristo e a realidade da criação devem ser postas a funcionar, naquilo que William Golding chamou de “universo co-

⁷ *Pastoral Care in Historical Perspective*, p. 76.

num”.⁸ Já que diferentes culturas, gerações e grupos possuem características singulares, cada geração de pastores, e até certo ponto cada um deles, precisa construir sua própria estrutura de trabalho. Não podemos abandonar, contudo, e não abandonaremos, o nosso fundamento.

Os pastores que se voltam para as Escrituras em busca de pedras para construir a base do seu trabalho são semelhantes àqueles povos antigos que retornavam ao sítio de uma vila destruída. Essas histórias são contadas com frequência pelos arqueólogos. O local onde ficavam as vilas e as cidades era geralmente escolhido por motivos estratégicos ou agrícolas. O lugar tinha acesso à água ou então era fácil de ser defendido dos ataques de nômades. De preferência, porém, tinha que atender às duas necessidades. As casas, os santuários e os muros construídos nesses lugares eram destruídos com bastante regularidade. Algumas vezes a destruição resultava de um desastre natural: fogo ou terremoto; outras, de invasão militar. A cidade era, assim, deixada em ruínas. Mas não por muito tempo. Por ser um bom lugar para viver, as pessoas voltavam e a reconstruíam. A nova cidade não ficava exatamente igual à antiga. Às vezes, os que retornavam haviam aprendido novos projetos de construção com os filisteus, cipriotas ou egípcios e adotavam um novo estilo nas edificações. Eventualmente tinham aprendido a melhorar as fortificações e, dessa forma, construíam um novo muro mais largo e mais forte. Ao reconstruir, porém, usavam o mesmo material que estava ali — as velhas pedras que haviam servido de base para a outra cidade. As construções ficavam no mesmo lugar de antes. Ao estudar essas camadas de edificações, os arqueólogos encontram os mesmos padrões de construção presentes no fundamento e as mesmas pedras por vezes sem conta usadas nele, por gerações sucessivas de habitantes.

Os que são chamados para o trabalho pastoral no presente momento da história estão, a meu ver, em posição muito semelhante à daqueles povos antigos que, depois de um período de destruição, voltavam seguindo suas

⁸ William Golding descreveu sua obra *Pincher Martin* como “um sopro em favor do universo comum...” Citado por Denis DONOGHUE, *The Ordinary Universe: Soundings in Modern Literature*, p. 9.

próprias pegadas, até chegarem às ruínas. Como aqueles povos de outrora, os pastores de hoje perguntam como conseguirão reconstruir tudo. De fato, o ofício e as tradições pastorais foram tão golpeados que se tornaram irreconhecíveis. Estamos no território do salmo 74:

Volta os teus passos para aquelas ruínas irreparáveis, para toda a destruição que o inimigo causou em teu santuário. Teus adversários gritaram triunfantes bem no local onde te encontravas conosco, e hastearam suas bandeiras em sinal de vitória. Pareciam homens armados com machados invadindo um bosque cerrado. Com seus machados e machadinhas esmigalharam todos os revestimentos de madeira esculpida. Atearam fogo ao teu santuário; profanaram o lugar da habitação do teu nome. Disseram no coração: “Vamos acabar com eles!” Queimaram todos os santuários do país. Já não vemos sinais miraculosos; não há mais profetas, e nenhum de nós sabe até quando isso continuará.

Salmos 74:3-9

Onde está, por exemplo, a visitação pastoral eficaz de Richard Baxter? E a sabedoria que vemos na correspondência de Samuel Rutherford? Onde foi parar a “paixão pela paciência”, um dos requisitos para o pastorado que aparece em Newman, no oratório de Birmingham? Em lugar de tratar dos aspectos próprios da visitação pastoral, nosso treinamento enfatiza como ir ao encontro das massas, com a prática de um evangelismo que desconsidera o nome das pessoas e carrega a promessa de que os bancos da igreja estarão repletos no domingo. Em vez de cartas cheias de conselhos espirituais, criamos *slogans* destinados à comunicação de massa. Em vez de demonstrar exemplos de paciência, promovemos conversas animadas e gritamos como líderes de torcida para estimular o espírito da congregação. E se nosso grupo se recusa a se animar quando damos o sinal, então saímos em busca de outra congregação, depois de mais outra, até encontrarmos pessoas tolas o suficiente para suportar esse tipo de futilidade.

Já não vemos sinais miraculosos; não há mais profetas, e nenhum de nós sabe até quando isso continuará. Até quando o adversário irá zombar, ó Deus? Será que o inimigo blasfemarás o teu nome para sempre?

Salmos 74:9-10

Não somos, porém, os primeiros a ficar em pé sobre as ruínas perguntando onde colocar cada pedra para efetuar a reconstrução. O ensino acerca do trabalho pastoral é uma colina de altura considerável em meio à planície do ministério. As camadas que a formaram são nítidas: há a camada agostiniana, a beneditina, a franciscana, a luterana, a calvinista, a metodista, a kierkegaardiana, todas usando pedras bíblicas. O que não devemos fazer de modo algum é sair por aí à procura de outro lugar para construir a cidade. A reedificação tem que acontecer no terreno bíblico, a fundação tem que ser composta por pedras das Escrituras.

Há uma quantidade imensa de documentos bíblicos à disposição para a realização dessa tarefa. O livro de Deuteronômio, por exemplo, foi usado mais de uma vez. Esse documento reuniu as tradições dos patriarcas e do Êxodo, redimensionou-as para fazê-las funcionar num novo ambiente e teve utilidade pastoral na época de Josias. O evangelho de Mateus é um exemplo de como as antigas pregações e ensinamentos dos apóstolos foram remodelados para uso pastoral na comunidade messiânica, a igreja. E há outros.

Entre esses outros, um material mais modesto é o *Megilloth*, os cinco rolos da Bíblia Hebraica que conhecemos pelos nomes de Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes e Ester. Talvez estes sejam, de todos os livros da Bíblia, os menos pretensiosos. Nenhum deles tem ares de grandeza. Não estão na mesma categoria da Lei ou dos Profetas. Alguns mal se qualificaram para compor o cânon. Ainda assim *estão* na Bíblia. Lloyd Bailey nos lembra que

... *toda* a história da Bíblia pressupõe a existência de uma comunidade de fé cuja identidade era (até certo ponto) afirmada e sustentada pela própria história. Assim, a história era repetida, passada adiante, reconhecida (ou seja, canonicizada) pela sabedoria coletiva das diversas gerações: fora *julgada* por *nossa* história e considerada digna.⁹

O valor do *Megilloth* como documento pastoral é atestado pelo seu uso no judaísmo, que adotou a prática de fazer sua leitura nos cinco atos anuais

⁹ "The Lectionary in Critical Perspective", *Interpretation* 31, n.º 2, p. 149.

de adoração de Israel. Durante aquelas festas, o povo de Deus se reunia, vindo de todas as vilas da Palestina e das estradas da diáspora, para reforçar a lembrança da sua identidade, encontrar ânimo e direção para continuar a viver em louvor, obediência e fé e para receber orientação para a vida à luz das palavras e atos de Deus. Isso significa que o povo se reunia para o *culto*. O *Megilloth* não definia essas ocasiões, nem ao menos as interpretava. Mas durante as festas tornou-se costume alguém levantar-se e ler um determinado rolo. Cada leitura tratava de um aspecto da vida dos que estavam comprometidos em viver em aliança com seu Deus. Os rolos eram a sabedoria do gabinete pastoral aplicada aos que se reuniam para pensar na vida que tinham com Deus. Cântico dos Cânticos era lido na Páscoa, Rute no Pentecoste, Lamentações no nono dia do mês *Ab*, Eclesiastes na Festa dos Tabernáculos e Ester no Purim.

Creio que a designação desses cinco rolos para os cinco atos anuais de adoração (quatro festas e um jejum) foi uma idéia genial decorrente da criatividade pastoral. Ninguém sabe quem foi o responsável por isso, nem quando o costume começou. A primeira evidência documental dessa prática vem dos séculos VIII e IX da era cristã, embora alguns eruditos defendam que tivera início muito antes, no período do segundo templo. Seja como for, quando esses rolos foram colocados sucessivamente em ambientes proclamativos específicos de adoração, reflexões notáveis e de certo modo inesperadas para o trabalho pastoral começaram a surgir. E o que foi feito uma vez pode ser feito de novo.

Ao reutilizar o *Megilloth* para o trabalho pastoral de hoje, estamos usando as Escrituras da mesma forma que Israel o fez vezes sem conta, levando a sério o passado registrado como palavra e ato de Deus, tratando esse passado com respeito, meditando no seu significado e aplicando suas lições à realidade atual, crendo nelas e vivendo-as no presente. Não se trata de tentar encaixar a vida pastoral moderna em um molde antigo a fim de dar-lhe um formato bíblico. Antes, é o esforço para permanecer em contato com a vitalidade do bom trabalho pastoral tão evidente no material bíblico, para depois colocá-la em uso no presente.

A reciclagem das Escrituras é, em si, um processo bíblico. Israel fazia isso o tempo todo. Não era o caso de somente repetir a história ciclicamente. Cada geração se apegava a alguns elementos, ignorava outros e, ocasionalmente, acrescentava inovações. Tanto dependiam da tradição quanto tinham liberdade dentro dela. Cada página das Escrituras mostra que isso de fato aconteceu e, em alguns casos, revela como aconteceu. Por exemplo: o jeovismo adotou e remodelou o conceito do “deus dos pais”; Isaías pregou e desenvolveu as tradições de Sião e Davi sob novas formas; Deuterônimo usou, de modo novo e original, a experiência do Êxodo e a liderança de Moisés. Os elementos antigos foram usados de forma criativa na realização da promessa divina e na vocação das pessoas no presente. Ezequiel (no capítulo 20) apresenta uma interpretação totalmente original das veneradas tradições do Êxodo e dos eventos do deserto, para aplicá-las à realidade do exílio do século VI a.C. Praticamente todas as páginas, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, mostram os resultados dessa abordagem criativa das antigas tradições. Cada geração fez uma nova interpretação, mas de forma que nada se perdesse. A elaboração das Escrituras e a formação do cânon demonstram, em certos aspectos, o que C. S. Lewis destacou na primeira página de seu livro *Allegory of Love (Alegoria do Amor)*:

As fases que a humanidade atravessa não são como as estações que um trem deixa para trás: estando vivo, tem-se o privilégio de sempre avançar e, ainda assim, nunca deixar nada para trás. De alguma forma, o que quer que tenhamos sido ainda somos.¹⁰

Gerhard von Rad abordou esse tema com detalhes:

... esse processo de adaptação das tradições antigas à nova situação era realmente o meio mais legítimo que Israel poderia usar para preservar a continuidade de sua história com Deus, evitando que essa mesma história se fragmentasse numa série de atos sem relação entre si.¹¹

¹⁰ P. 1

¹¹ *Old Testament Theology*, vol. 2, p. 328.

Há um sentido, portanto, em que todo o trabalho pastoral se resume em redigir uma nova elaboração da pregação e do ensino das Escrituras que os torne relevantes para a comunidade presente, combinando a fidelidade à mensagem bíblica com a sensibilidade pastoral.

Cada um dos rolos do *Megilloth*, designados pelo judaísmo para um ato de adoração em particular, trata de um aspecto específico do pastorado: como amar e orar dentro do contexto da salvação (Cântico dos Cânticos); como desenvolver uma identidade como pessoa de fé no contexto da aliança de Deus (Rute); como lidar com o sofrimento no contexto do julgamento redentor (Lamentações); como desmascarar a ilusão e a fraude religiosas no contexto da bênção providencial (Eclesiastes); e como tornar-se uma vibrante comunidade de fé mesmo em meio à hostilidade do mundo (Ester). Nem tudo que o pastor faz se encaixa nessas áreas, mas uma parte considerável sim, mostrando que o *Megilloth* pode ser muito útil para o ministério. É preciso dizer que esses cinco rolos não são pedras angulares sobre as quais possamos edificar o pastorado. Isso seria exigir demais deles. Contudo, também não são seixos desprezíveis. Há neles substância e utilidade; são pedras que auxiliam na formação da base do trabalho pastoral.

3

A adoração é o contexto em que se descobre a utilidade do *Megilloth* para o pastorado. A leitura e o estudo desses livros, com ênfase em seu pano de fundo histórico, resultam num tipo peculiar de interpretação. Ao serem lidos, porém, em meio a atos de adoração (Páscoa, Pentecoste, o nono dia do mês *Ab*, Tabernáculos e Purim), adquirem significados bem diferentes. A pedra preciosa incrustada na rocha apresenta certa aparência. Todavia, depois de ser garimpada, cortada, polida e colocada num anel que, por sua vez, é usado para enfeitar a mão, fica bem diferente, tanto na função quanto na aparência, embora não haja alteração em sua substância. Ao inserir o *Megilloth* em cenários culturais fixos, o judaísmo trouxe à tona dimensões que não eram aparentes sob a luz do ambiente histórico, revelando rumos e percepções pastorais, bem como demonstrando a função

do ministro de Deus. Nada novo é acrescentado, mas o que já existe passa a ser entendido de forma *pastoral*.

Usando o *Megilloth* no contexto da adoração comunitária, o judaísmo demonstrou o que continua a ser verdadeiro tanto em Israel quanto na igreja: o pastorado tem origem no ato de culto. A adoração coletiva (*comum*) é o cenário bíblico para a realização do trabalho pastoral. Ademais, não é possível pastorear sem a adoração comum. O trabalho pastoral não define sua identidade a partir de si mesmo. É uma obra derivada, e o culto é a fonte de onde deriva.

No culto, a comunidade do povo de Deus se reúne para ouvir a sua palavra nas Escrituras, no sermão e no sacramento. A fé gerada por essa palavra proclamada se expressa em respostas de louvor, obediência e compromisso. Nunca houve uma fé bíblica, ou qualquer tipo de vida de relação contínua com Deus fora do culto público. Ao persistir no culto a Deus freqüente e coletivo, em que sua palavra é o centro, o povo evita construir uma religião com base em idéias individuais sobre o Senhor. Também evita criar um conceito de salvação isolada e individualizada a partir de sua própria experiência, indiferente aos irmãos e irmãs com quem o amor salvífico deve ser compartilhado, no receber e no dar, conforme Deus ensinou claramente.

Todo o trabalho do pastor deriva desse ato de culto. A cada domingo ele repete o convite: "Adoremos ao Senhor". Mas seu trabalho não termina uma hora depois com a impetração da bênção. A ação pastoral acompanha as pessoas enquanto elas vivem com base no que ouviram, cantaram, disseram e aceitaram durante o culto. O pastorado acontece entre um domingo e outro, entre o primeiro e o oitavo dia, entre os limites da criação e da ressurreição, entre Gênesis 1 e Apocalipse 21. O culto dominical firma a vida da comunidade de fé na Palavra de Deus. Durante a semana o pastor tem como tarefa estender as implicações dela à vida das pessoas, enquanto elas trabalham, amam, sofrem, se entristecem, brincam, aprendem e crescem, seja em tempos de crise, seja em momentos de rotina. O culto chama a atenção da congregação para as palavras de Deus, dirige as reações de louvor e obediência e depois envia os indivíduos para viver na comunidade com base no significado desse louvor e dessa obediência. Mas eles não

são apenas enviados, são acompanhados: esse é o ministério do pastor. O pastorado começa no púlpito, no batismo, no altar. Prossegue, então, no quarto do hospital, na sala de visitas, no gabinete de aconselhamento, na sala de reuniões. O pastor que lidera o povo no culto é companheiro do mesmo povo no período que se estende entre os atos de adoração.

Certamente, qualquer ato pastoral separado do culto público perderá, aos poucos, seu caráter bíblico.¹² Tornar-se-á ato isolado de cura, consolo, orientação, decisão: ministério bonito, mas manco. Se for bem realizado, será útil, mas separado das origens bíblicas deixará de participar dos desdobramentos das verdades proclamadas que constroem a plenitude daquilo que Deus planejou para sua criação.

Os cinco rolos do *Megilloth*, incluídos em cinco atos de adoração dos israelitas, demonstram como as tradições querigmáticas anunciadas e aceitas no culto podem ter continuidade e ser estimuladas no cotidiano. Esses rolos tratam de áreas que o pecado geralmente distorce, obscurece ou impede que sejam influenciadas pelas realidades do evangelho proclamadas no culto. Eles também fornecem a correção, as medidas e as reflexões que mantêm essas realidades no nível pessoal e real. Usados dessa forma, os textos do *Megilloth* se tornam documentos pastorais.

4

A reconstrução do pastorado bíblico prioriza o cultivo de uma abordagem que leve em conta a realidade local, específica e pessoal. T. S. Eliot, escrevendo sobre outros assuntos, expressou-se assim:

Um discurso pronunciado em determinado local, sobre uma questão relativa àquele local, provavelmente será mais inteligível do que uma palestra dirigida

¹² O cineasta Ingmar Bergman disse em uma entrevista: “Acredito que a arte perdeu seu impulso criativo básico no momento que foi separada do culto. Cortou-se o cordão umbilical e hoje ela tem vida estéril, gerando e degenerando a si própria. Antes o artista permanecia anônimo e sua obra era para a glória de Deus... Hoje o indivíduo tornou-se a forma mais elevada e também o maior veneno da criação artística... Os individualistas olham nos olhos do outro e ainda assim negam sua existência...” Citado por Donald J. DREW, *Images of Man: A Critique of the Contemporary Cinema*, p. 76. Essa observação é verdadeira também para o trabalho pastoral separado do culto.

a toda uma nação. O maior acúmulo de ambigüidades e generalidades obscuras encontra-se geralmente em discursos destinados ao mundo inteiro.¹³

Cada um dos rolos que compõem o *Megilloth* é um “discurso pronunciado num determinado local, sobre uma questão relativa àquele local” e, por esse motivo, um modelo para o pastor que é chamado a encorajar a nitidez de uma obediência específica e a nutrir as particularidades da fé de todos os dias.

O pastor, caminhando pelas regiões montanhosas das grandes reuniões de proclamação do evangelho, chega ao *Megilloth* como um andarilho que se vê diante de uma refeição ou da fogueira de um acampamento, local de refrigério e recuperação situado em meio a um ambiente grandioso. Por mais magnífica que seja a vista sobre o topo das montanhas, não há como ficar falando dela o tempo todo. É preciso aliviar o cansaço e satisfazer as necessidades básicas. É tarefa do pastor trabalhar ao longo das trilhas, usando um estilo de discurso e um modo de ação aplicável ao lugar onde atua, algo específico e pessoal, de forma que as pessoas que encontrar sejam tratadas como objetos do amor de Deus, um amor que não é apenas universal, mas individual em sua universalidade. Como nos lembra Barth, o Espírito Santo que capacita para o ministério “não é uma grande força anônima”.¹⁴ É, isto sim, absolutamente notável e sempre pessoal. O *Megilloth* inclui cinco exemplos do que significa estar atento a esses detalhes do trabalho pastoral nos lugares humildes, limitados, transitórios e comuns onde os pastores são chamados a atuar entre um domingo e outro.

¹³ Citado por Bernard BERGONZI, *T. S. Eliot*, p. 162.

¹⁴ *Church Dogmatics*, vol. 4, p. 501.